

Toponímia: Uma memória das memórias

Tânia Fernandes (*)

Todos sabemos onde moramos. Ou, pelo menos, deveríamos saber. E essa é a verdade paradigmática da toponímia enquanto ferramenta de gestão urbana. Auxilia quem visita um local, quem procura um caminho, um edifício, um lugar.

Deriva o termo toponímia da palavra grega *topos*, que significa lugar e da palavra *ónoma*, que significa nome. Assim sendo, infere-se que não há lugar sem nome e não há nome sem lugar.

O nome que perdura num sítio, lugar ou rua e o porquê da sua permanência ou atribuição advêm da realidade particular de cada localidade.

É através deste que se perpetuam memórias: a memória de um sítio, de um uso ou costume, de uma profissão ou de uma ocupação típica desse espaço. Por conseguinte, a toponímia é, por excelência, um “espaço de memória”, que dá corpo e originalidade a cada região.

Poderemos sempre questionar-nos qual a dimensão cultural da toponímia, sendo que a sua abrangência, não nos ajuda a esclarecer o seu papel. Esta perpetua memórias, conceitos, é espelho de uma população e da história que encerra.

No entanto, a sua dimensão não se esgota nos topónimos, nem nos seus significantes. A toponímia é, por ela mesma, uma ferramenta de estudo, quer geográfico, histórico, sociológico, em suma, cultural.

Tomemos o Algarve como exemplo: quantos concelhos têm, na sua toponímia, alusões à indústria conserveira, às espécies de fauna ou flora autóctones, a profissões típicas, entretanto já desaparecidas, ou a acontecimentos históricos locais? A resposta: todos.

Extrapolando para a análise identitária de um povo, a toponímia é um dos seus referentes e permite, igualmente, antever a cronologia e as disrupções sócio-políticas do país.

Todas, ou quase todas, as cidades tiveram uma avenida ou rua Salazar que, invariavelmente, se “transformou” na avenida ou rua 25 de Abril. Quase todos os lugares encerram a rua ou avenida 5 de Outubro, data da implantação da República, exceptuando talvez Odiáxere, concelho de Lagos, que tem a rua 6 de Outubro.

Por outro lado, permite-nos descobrir “afectos” por espaços e lugares que, não sendo o berço de uma determinada personalidade, com eles criou uma ligação íntima e emocional, que se alimenta reciprocamente. Um exemplo claro é o de Sophia de Melo Breyner Andresen. Apaixonada pelo mar, e por Lagos, eternizou-o e eternizou-a na sua escrita. A cidade, por sua vez, eternizou-a na sua toponímia.

Sabemos onde moramos. Muitas vezes, por mera curiosidade, desejamos saber a origem do nome: o que será que quer dizer a Rua dos Tanoeiros, ou a dos Aguazis, ou ainda a dos Almojarifes?

A importância da toponímia não se verifica exclusivamente nos acontecimentos históricos ditos “maiores”. Respira o nosso quotidiano, o que nos preenche, alberga e homenageia quem a sociedade local dignifica e/ou pretende perpetuar, na memória colectiva.

Pretende-se então que se entenda a toponímia não como um fim em si mesma – o de identificar uma rua ou um espaço – mas como algo mais: uma autêntica ferramenta de

trabalho, transdisciplinar, que nos aporta a possibilidade de gerir eficazmente os arruamentos urbanos e, simultaneamente, uma fonte de informação imprescindível, quando o que se pretende é caracterizar, histórica, geográfica, geológica ou sociologicamente uma zona.

O espaço público reflecte o que de mais autêntico existe numa dada região e nós, enquanto sociedade, plasmamos valores, ideais, conceitos morais ou de identidade nas ruas que calcorreamos...

(*) Técnica Superior da Câmara Municipal de Lagos. Sócia da AGEAL